



POESIA DIGITAL E MULTILETRAMENTO NA CIBERCULTURA

Nara Rúbia Gomes Duarte Xavier¹ - UEG

Ana Cristina Luiza Souza² - UEG

Débora Cristina Santos e Silva³ - UEG

Grupo de Trabalho - Didática: Teorias, Metodologias e Práticas
Agência Financiadora: UEG – Programa de auxílio eventos – Pró-Eventos/Edital 001/2015

Resumo

Com o advento da Cibercultura, as práticas sociais de leitura e escrita acarretam uma crescente demanda por multiletramentos que contemplem os diversos modos de enunciação da linguagem, para além do signo verbal. Nesse contexto de produção, fulguram imagens, estáticas ou em movimento, isoladas ou associadas ao som e à própria palavra escrita. Elementos iconográficos, tabelas e legendas passam a configurar o ato de escrever, em um contexto que se apresenta em constante mutação, tanto no nível social e cultural quanto no tecnológico. Assim, a linguagem passa por significativas alterações, migrando do caráter monossemiótico para o multissemiótico, o que favorece a convergência de mídias e a interação de linguagens. Surgem, dessa forma, textos literários e não literários construídos com múltiplas linguagens, exigindo um novo posicionamento do leitor. Diante desse cenário, faz-se imprescindível um trabalho pedagógico voltado ao desenvolvimento de habilidades necessárias ao multiletramento, no intuito de formar leitores competentes e autônomos, no cenário da Cibercultura. Dessa forma, este artigo propõe uma reflexão acerca dos aspectos que definem as particularidades do ciberespaço e de suas configurações, como o hipertexto e a poesia digital, a fim de se promoverem experiências de leitura e fruição de poesia que favoreçam o multiletramento. A metodologia consistiu no enquadramento teórico, análise e transposição didática de poemas digitais, por meio de oficinas com professores da Escola Básica. Ademais, a pesquisa que lhe deu origem partiu da análise literária de algumas produções do webpoeta português Antero de Alda, que privilegia a relação com o utente-leitor por meio da interatividade e da coautoria. É assim que o poeta, em seu discurso comprometido com o homem contemporâneo, representando uma sociedade fragmentada e líquida, socializa sua poesia, configurada pelas formas híbridas do hipertexto, como a multimodalidade e a multissemiótica, ampliando, assim, as possibilidades pedagógicas da poesia em meio digital.

¹Mestranda do Programa de Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias – MIELT – Universidade Estadual de Goiás (UEG). Bolsista Stricto Sensu – UEG. Anápolis. Brasil. E-mail: nararubi@ig.com.br

² Mestranda do Programa de Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias – MIELT – Universidade Estadual de Goiás (UEG). Bolsista Stricto Sensu – UEG. Brasil. E-mail: crisufg@hotmail.com

³ Doutora em Teoria Literária com Pós-Doutoramento em Literatura e Hipermídia(UFP/Porto/PT). Professora e Coordenadora do Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias – MIELT/Universidade Estadual de Goiás/UEG. Orientadora da pesquisa. Bolsista PROBIP/UEG. E-mail: deboraphd@gmail.com

Palavras-chave: Cibercultura. Multiletramento. Poesia digital. Antero de Alda

Introdução

Leitura. Escrita. Alfabetização. Letramento. Multiletramentos. Termos que permeiam o cotidiano pedagógico atual. Dentre eles, destaca-se o último: multiletramentos por abarcar novos princípios, novas rotinas e uma nova ética diante de um paradigma escolar ainda engendrado por ideias que buscam, por vezes, apenas o recebimento e o armazenamento de informações, em textos monossemióticos. Ideias que veem aluno e professor como apenas receptor e transmissor de conhecimentos, respectivamente. No entanto, os avanços tecnológicos e essa nova mentalidade promoveram mudanças na forma de se conceber as relações: ensino e aprendizagem; e leitura e escrita.

Nas atividades sociais contemporâneas, os indivíduos se deparam com a leitura de textos que mesclam escrita, imagens, sons, objetos em terceira dimensão, cores, movimentos e texturas, em ambientes virtuais ou não. Isso requer a prática de novos letramentos e multiletramentos, no intuito de contemplar novas sensibilidades e subjetividades. Porém, vê-se a utilização desses textos de forma corrente apenas fora do contexto escolar, deixando de contemplá-los com recorrência em atividades pedagógicas, como meios de se explorar atividades voltadas às práticas sociais. Estas, por sua vez, envolvem leitura e escrita de textos diversificados e híbridos em que “linguagens e meios se misturam e constroem um todo mesclado e interconectado de signos que se juntam para formar uma sintaxe integrada” (SANTAELLA, 2004, p. 135).

Nos últimos anos, estudiosos de várias áreas da linguística vêm recomendando que o gênero literário, enquanto prática social, deve orientar o fazer pedagógico junto à língua materna, dando prioridade ao contato direto do estudante com a multiplicidade de textos que se faz presente na sociedade contemporânea, pois além do código escrito, uma enorme gama de semioses tem apresentado importante função nos textos, principalmente nos hipertextos analógicos e digitais. Como consequência disso, o conceito e as características de multimodalidade tornam-se imprescindíveis para se conceber a inter-relação entre texto escrito, imagens e outros elementos gráficos além de se compreender os sentidos sociais construídos por esses textos.

Assim, este artigo tem por objetivo expor algumas considerações sobre a relevância dos multiletramentos e a influência dos mesmos sobre a formação de novas culturas e novas

práticas de leitura e escrita. Para isso, buscar-se-á avaliar, em um ambiente virtual, à luz do ciberpoeta português Antero de Alda, a temática da individualidade e fragmentação do cidadão contemporâneo, considerando seu fazer poético numa óptica crítica e social, além de considerar a Cibercultura como elemento imprescindível à apropriação efetiva da língua materna.

Multiletramentos e tecnologias: uma relação presente na Cibercultura

Com o advento da Cibercultura e com o avanço das mídias digitais, observou-se o surgimento de novos espaços discursivos. A internet surge como um local em que há uma íntima ligação entre a linguagem verbal e a não verbal, configurando uma performance verbivocovisual, associada, muitas vezes, a movimentos. Tal particularidade colabora, assim, para a criação de textos híbridos.

Essa evolução presente no uso das TIC exige novas habilidades referentes à leitura e à criação de textos, pois o ciberespaço e suas particularidades facilitam o surgimento de textos multimodais e multissemióticos, com caráter hipertextual. Sobressaem, assim, sob os postulados de Rojo (2013), as práticas dos multiletramentos, que promovem possibilidades para se entender a convergência de linguagens e a função das mídias digitais como meio e suporte para a formação de leitores autônomos e competentes.

O termo multiletramentos “aponta para dois tipos específicos e importantes de multiplicidade presentes em nossas sociedades, principalmente urbanas, na contemporaneidade: a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunica” (ROJO, 2013, p. 13). Diante disso, distinguem-se multiletramentos, letramento e alfabetização, pois há elementos que aproximam e distanciam tais conceitos.

Segundo Soares (2004, p. 8), letramento é empregado para “nomear práticas sociais de leitura e de escrita mais avançadas e complexas que as práticas do ler e do escrever resultantes da aprendizagem do sistema de escrita”, ou seja, do processo de alfabetização em si. No entanto, os processos de letramento e alfabetização se complementam e, apesar dessa interdependência, é importante ressaltar que não é necessário alguém ser alfabetizado para participar de uma sociedade letrada. Um indivíduo pode não ter domínio do código, mas pode utilizá-lo ao se envolver em eventos sociais de leitura e escrita, como ouvir a leitura de um jornal, pegar um ônibus, conferir um troco etc.

Dentro dessa perspectiva, ser alfabetizado ou letrado é ir além de identificar e decodificar letras ou fonemas. É contemplar a capacidade de adquirir conhecimento a partir do que foi lido ou reconhecido em suportes textuais. Trata-se de saber utilizar social e competentemente a alfabetização e o letramento em práticas que envolvam a língua escrita. No entanto, nas práticas sociais atuais, os indivíduos estão submetidos à leitura de textos que integram recursos audiovisuais e imagéticos além do código escrito. E apesar de ocorrer a utilização dos mesmos em ambientes extraescolares, ainda é deficiente a sistematização destes para fins pedagógicos.

Dessa forma, do leitor moderno espera-se mais que letramento; almeja-se o domínio dos multiletramentos, ligados às particularidades da Web 2.0, como a rapidez, a interatividade, o hibridismo textual e cultural; e a ubiquidade, cuja particularidade é promover ao texto a capacidade de poder ser encontrado em toda parte, ao mesmo tempo e o tempo todo, sendo lido ou construído por um ou vários autores e leitores, sob vertentes e especificidades diferentes quanto à forma de acesso e à construção do próprio código linguístico.

O hibridismo, por sua vez, segundo Canclini (2013) são “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas”; desta feita, têm-se textos permeados por multissemiose. Embaralham-se gêneros e linguagens diversificadas que se demarcam em mídias convergentes, fazendo surgir uma “produção intermédia, pois quando dois ou mais meios discretos se fundem conceitualmente, eles se tornam **intermédia**”, Higgs (1984, *online*/tradução nossa/destaque do autor)

Com efeito, há vários tipos textuais que abarcam múltiplas linguagens, as quais podem ser verbal, hipertextual ou hipermediática e que propiciam os multiletramentos. Porém, é importante salientar que não são apenas essas diferentes linguagens responsáveis pelos multiletramentos; ainda se fazem presentes nesse processo a interação, a colaboração e a flexibilização dos ambientes educacionais juntamente as suas ferramentas digitais, associadas ou não a materiais didáticos impressos (ROJO, 2013).

Assim, deve-se pensar o termo multiletramentos a partir de práticas que explorem atividades diversificadas tanto no ambiente social e, principalmente, no escolar, considerando a multiculturalidade presente nesses contextos. Logo, o conceito de multiletramentos

aponta para dois tipos específicos de multiplicidade presentes em nossas sociedades, principalmente urbanas, na contemporaneidade: a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunica. Assim, esse conceito difere do conceito de **letramentos (múltiplos)** que não faz senão apontar para a multiplicidade e variedade das práticas letradas, valorizadas ou não nas sociedades em geral” (ROJO, 2013, p. 136 /grifo da autora/).

Nesse sentido, segundo Cope e Kalantzis (2008) faz-se importante criar oportunidades de aprendizagem com o objetivo de despertar a sensibilidade dos alunos para o mundo global digital. Porém, os objetos de aprendizagem não podem continuar semelhantes aos que já se fazem presentes na atualidade, representando o tradicional currículo escolar ou reproduzindo os materiais didáticos em circulação, pois estes não colaboram com novas práticas de ensino e, conseqüentemente, com os multiletramentos. Deve-se associar o ensino aos recursos das novas tecnologias, visando a uma construção de conhecimento que acompanhe os “nativos digitais” (PRENSKY, 2011), que estão imersos na era das linguagens líquidas, dos relacionamentos virtuais, podendo efetuar diversas atividades ao mesmo tempo.

Os nativos digitais apresentam habilidades quanto às atividades a serem realizadas no computador. Assim, em meio a textos verbais, não-verbais e verbovisuais situam-se não como um corriqueiro leitor ou receptor de informações, mas sim como um coautor daquilo que lê ou recebe. Esta habilidade é justificada pelos inúmeros meios interativos que se dispõe para ler, inferir, compreender e produzir conhecimentos de maneira rápida e simultânea, permitida pela capacidade de navegar, ou seja, de trocar constantemente o foco de atenção entre múltiplos textos, circunstâncias ou dispositivos eletrônicos variados instantaneamente.

Sob esse paradigma, as novas formas de comunicação vieram ao encontro das novas condições de produção artística e literária. No entanto, professores ainda se veem diante de um desafio entre os muros de uma escola ainda tradicional, em que a leitura é, muitas vezes, empregada como um exercício monótono e descontextualizado da realidade do aluno. Além disso, tecnologias de informação e comunicação são, às vezes, subutilizadas, deixando assim de se explorar projetos de literatura virtual, os quais podem ser oportunidades para aproximar os estudantes da literatura e das particularidades de um texto híbrido, cuja especificidade maior é encontrar-se entre a literatura e as artes visuais.

Por conseguinte, é imprescindível que a escola atraia nativo digital, para a nova era da literatura, a qual promove mudanças na função do leitor, que se tornou protagonista do processo por se configurar de modo ativo, um hiperleitor, um leitor de hipertextos. Estes, por sua vez, carregam consigo a multimodalidade e o código escrito, que passa a contemplar

elementos de áudio e imagem, constituindo a hipermídia (SANTAELLA, 2007). Ademais, o hipertexto é capaz de propor várias formas de acessibilidade, diagramas norteadores, *links* direcionadores e mapas conceituais conectados linear ou não linearmente; obedecendo ou não uma hierarquia.

Além dessas particularidades, os hipertextos têm como características principais a linearidade e interatividade que propiciam ao utente a liberdade de definir seu percurso de leitura. Assim, um hipertexto não é lido e não foi produzido para ser lido do começo ao fim, mas por meio de nós e elos. Essa não linearidade faz do leitor um coautor do texto, pois é ele quem decide a sucessão dos fatos, interligando um assunto ao outro em diferentes ordens e desfazendo a noção de autor como único dono do que fora escrito. Não há demarcação entre transmissor e receptor, uma vez que as novas tecnologias “nublaram as fronteiras entre produtores e consumidores, emissores e receptores” (SANTAELLA, 2007, p. 79).

Nesse contexto, ao fazer referência ao papel da escola, espera-se um novo olhar para a sua função de ensinar a ler, uma vez que leituras monótonas não seduzem o aluno. São necessárias práticas mais interativas com uma linguagem plural e híbrida, com imagens e movimentos, as quais podem levar a uma interferência nos paradigmas tradicionais acerca da aprendizagem por intermédio da atuação do autor e do leitor. Destarte, contempla-se a escrita-pela-leitura ou leitura-pela-escrita a qual, segundo Barbosa (2003), é chamada de “escreitura”, que exige uma nova atuação do leitor: uma posição de coautoria. A escreitura objetiva especificar possibilidades de interatividade entre obra e o fruidor, podendo alterar o objeto literário, pois a introdução da interatividade no momento da recepção do texto em processo pode conduzir a uma intervenção simbiótica nas funções tradicionais do autor e do leitor mediante uma maior ou menor participação deste último no resultado textual final, (BARBOSA, 1998).

Diante do exposto, cita-se a influência na escreitura por parte da Poesia Experimental Portuguesa por esta contemplar uma tridimensionalidade no texto por meio da expansão dos signos, da espacialidade, da visualidade e da simultaneidade da informação, o que pode ser sintetizado na expressão, cunhada por James Joyce, verbivocovisual, apropriada e difundida pelo Concretismo. Tal expressão foi empregada para representar um processo em que signos verbais, imagens e sons se aglutinam para a constituição de poemas visuais, os quais possibilitam a especificidade de organizar o texto no papel, explorando o fenômeno da simbiose entre o signo e o espaço na construção textual. Assim, a partir de movimentos do

experimentalismo português e do concretismo brasileiro, pode-se oferecer inúmeras possibilidades de escrita voltada à fruição poética.

Em um momento em que a escrita virtual se apresenta popularizada, as publicações, que contemplam as potencialidades do texto digital

questionam algumas noções atribuíveis aos textos da cultura do impresso, como a sua fixidez, linearidade, sequencialidade, autoridade ou finitude, provocando transformações nas clássicas definições de autor, leitor e suas relações mútuas, bem como dando lugar a novas formas de ler e de escrever (FURTADO, 2006, p.30).

Diante disso, a redefinição do papel de autor no ciberespaço deve ser revista para se compreender com que tipo de produção se trabalha no meio digital, dados os seus aspectos de fluidez e interatividade, que provocam uma mudança no cenário da composição dos textos, em que o autor delega ao leitor funções antes apenas suas. Estaria havendo então uma dissolução do autor? Porém, o que há é um redirecionamento de funções; não se exclui a assinatura e sim redireciona-a devido à aproximação do tempo de criação e recepção do texto, promovendo a coautoria (FERREIRA, 2010).

Logo, com a presença frequente do texto digital, há essa busca pela autoria, que vem sendo discutida e dividida entre produtor e receptor, o qual sente-se desimpedido para intervir, comentar, assinalar e reescrever o texto, migrando de uma posição situada à margem do texto. Nesse sentido, o leitor passa a atuar diretamente no centro do construto textual. Tem-se um leitor que vai atuar como um coautor, desmistificando a ideia de uma supremacia autoral, de um único autor, o qual, segundo Barthes (2004), diz-se tratar de uma figura extinta. E ao mencionar diretamente “a morte do autor”, o filósofo afirma:

um texto é feito de escritura múltiplas, oriundas de várias culturas e que entram umas com as outras em diálogo, em paródia, em contestação; mas há um lugar onde essa multiplicidade se reúne, e esse lugar não é o autor, como se disse até o presente, é o leitor: o leitor é o espaço mesmo onde se inscrevem, sem que nenhuma se perca, todas as citações de que é feita uma escritura; a unidade do texto não está na sua origem, mas no seu destino, mas esse destino não pode mais ser pessoal: o leitor é um homem sem história, sem biografia, sem psicologia; ele é apenas esse alguém que mantém reunidos em um único campo todos os traços de que é constituído o escrito. [...] o nascimento do leitor deve pagar-se com a morte do autor (BARTHES, 2004, p. 64).

Diante disto, observa-se que o leitor foi ganhando espaço e ascensão no texto literário, deixando de ser um leitor contemplativo, com uma leitura “individual, solitária, de foro privada, silenciosa,” (SANTAELLA, 2004, p.23) um leitor imersivo, um leitor da era digital, que tem como suporte a multimídia e que navega pelas infovias através da hipermídia,

situando-se no texto digital. Um texto construído sob o auxílio da ferramenta semiótica, o computador, responsável por agregar diversos recursos, responsáveis por fazer com que as palavras e os outros signos sejam articulados na tela. Nesse contexto, leitor imersivo percorre o hipertexto através dos nós, a partir de um “roteiro multilinear, multissequencial e labiríntico que ele próprio ajudou a construir ao interagir com os nós entre palavras, imagens, documentação, músicas, vídeo etc.” (SANTAELLA, 2004 p.33). Logo, a poesia digital faz uso de recursos típicos do meio digital como a fragmentação do texto, as múltiplas linguagens, a interatividade e a convergência de mídias, no intuito de construir textos de caráter dinâmico e poéticos.

Ademais, tais textos merecem ressignificação, pois ampliam a noção o conceito comum de texto além de serem oriundos da fusão de elementos diferentes como a semiótica, o caráter sócio-histórico, e os próprios recursos da tecnologia (SANTAELLA, 2007). Por conseguinte, no poema digital, a relação interativa entre cinetismo e signos verbais pode produzir sentidos metafóricos, em uma perspectiva dos multiletramentos. Tais sentidos podem ser expandidos de forma vultosa caso no poema sejam também explorados recursos visuais e sonoros, como se observa nas produções de Antero de Alda. Portanto, torna-se imprescindível a presença de leitores capazes de interagir com tais produções, que se configuram como formas de expressão e de comunicação, pois se a poesia impressa é considerada uma forma e expressão artística e de representar culturas, a poesia digital surge como um elemento capaz de estimular estudos sobre a relação entre as novas tecnologias, a cultura e a linguagem.

Antero de Alda e *Em Viagem*

No cenário da cibercultura, das transformações sociais e no contexto dos gêneros presentes na contemporaneidade, o poeta português Antero de Alda faz uso de recursos tecnológicos digitais para expandir as possibilidades de manuseio da linguagem no meio virtual a fim de abordar uma realidade fragmentada e líquida, que assim “como os líquidos, singularizam-se por uma incapacidade de manter as formas” (SANTAELLA, 2007, p. 14). Alda busca apresentar seus cibertextos, como um exercício literário da cibercultura, considerando as múltiplas semioses do texto digital, estimulando a interatividade textual mediada pela hipermídia. Diante disso, o leitor depara-se com novas definições, léxicos, linguagens, gêneros, códigos e modos de escrita e de leitura, além da presença de discursos

polifônicos nas infovias do ciberespaço, em que exercícios de multiletramentos são explorados. Ademais, a interatividade entre o leitor e as múltiplas linguagens promovem novas formas de interpretar e compreender o texto.

De fato, é importante saber relacionar-se e fazer-se interagir com a língua, com as novas linguagens e seus novos suportes. O uso do computador ampara essas atividades e os subsídios fornecidos são diferentes dos clássicos protocolos de leitura, encontrados diante de um livro impresso, já que o texto no papel é imutável, enquanto o que se apresenta em um ecrã é interativo. Como exemplo, é possível citar as produções semióticas de Antero de Alda, as quais surgem acompanhadas de uma iconografia lírica que possibilita, além de uma gama de manipulações, a capacidade de gerar novos sentidos à palavra, em contexto poético. Logo, o ciberpoeta apresenta-se experimental ao utilizar a linguagem verbivocovisual e diferentes recursos da hipermídia para produzir textos cinéticos, videopoemas, *scriptpoemas* etc.

No *site* do autor, encontram-se construtos que contemplam uma vasta temática. Trata-se de reflexões da sociedade contemporânea, pelas quais o poeta apresenta uma poesia engajada com o seu contexto social. Alda procura promover reflexões aos leitores ao demonstrar as mazelas da sociedade em poemas e processos interativos estimulados pelas redes sociais digitais. No intuito de observar essas particularidades, analisar-se-á um texto do autor em questão, procurando verificar como cada um dos elementos (palavra, imagem, movimento e interatividade) forma-se nos cibertextos como um todo. Para esse estudo, foi selecionado o ciberpoema *Em Viagem*, o qual pode ser observado e manuseado no endereço eletrônico - http://www.anterodealda.com/poema_em_viagem.htm ou de forma breve em:

Figura 1 - Scriptpoema Em Viagem



Fonte: http://www.anterodealda.com/poema_em_viagem.htm

Nesse poema, Antero de Alda ilustra um trabalho inerente à poesia digital, um e-gênero (MARCUSCHI, 2009), constituído pela convergência de mídias. Esta, por seu turno, “se dá quando em um mesmo ambiente estão presentes elementos da linguagem de duas ou mais mídias interligadas pelo conteúdo” (PELLANDA, 2003, s/p.). Ao compor *Em Viagem*, um *scriptpoema* com elementos da poesia, da ópera e da fotografia, o poeta reitera as configurações intersemióticas de um texto híbrido, produto também de uma cultura híbrida, que se forma na contemporaneidade, sem limites geográficos e temporais, uma vez superados pelas tecnologias de comunicação.

No poema em questão, o ciberpoeta apresenta a possibilidade do leitor “viajar” por oito localidades diferentes do mundo escolhendo ao seu critério, por meio de *links*, em uma guia superior, o local a visitar. Em cada extremidade da guia há setas que, ao contato, do *mouse* apresentam uma estrutura em versos. Ao clicar sobre o nome de cada país, surge à tela uma fotografia correspondente àquela localidade; e em todas as aparições, as letras que compõem a palavra “poema” sobem pelo ecrã e podem ser embaralhadas por meio do movimento de cursor. Além disso, a composição poética desenvolve-se sob uma música ao fundo, o que acentua a força das imagens. Na primeira seta lê-se⁴:

na viagem distrai-se o poema
 mas pode ser de sangue, névoa ou fogo-----guerra!
 até silêncio!
 tão depressa infantil como impiedosamente velho
 até no cheiro!
 na viagem, o provérbio diz-lhe:
 “molda-te ao vento...”

Na segunda seta aparecem os três versos⁵:

vento!
 não sejas cruel
 se me rasgas o caminho no rosto

Os versos, por sua vez, relatam o que pode ser encontrado na viagem: névoa, fogo, guerra, dor e sofrimento. Elementos que a sociedade nega existir em seu contexto ao expor cenas turísticas com suas belezas e finalidades comerciais. Todas essas dificuldades são assim retratadas nas fotografias que acompanham a viagem que se faz ao ler o poema.

⁴ Textos retirados do *site* do autor Antero de Alda (http://www.anterodealda.com/poema_em_viagem.htm) no momento em que se interage com o poema digital.

⁵ Idem.

Ademais, o texto apresenta-se interativo ao leitor, pois este possui inúmeras opções para ver as imagens e ler os versos; ou, caso queira, pode-se apenas ler os versos ou ver somente as imagens, interagindo com as letras da palavra “poema” em uma exploração metalinguística; ou simplesmente fechar página, recusando-se a participar da “viagem”.

Cada representação será única diante das diversas possibilidades de reprodução que o utente possui diante do *scriptpoema*. Assim, Alda apresenta em seu *site* uma gama de possibilidades interativas para explorações de experimentos que abordam os multiletramentos, em formato intermídia, a partir de uma relação metafórica e metalinguística com a palavra “poema”, como abordado nesse exemplo. Essa especificidade corrobora a ideia de que a poesia digital surge como nova forma de significação e expressão de ideologias como pode ser observado no construto analisado, em que se retrata uma sociedade assinada pelo individualismo, pelo consumismo e pela fragmentação.

Considerações Finais

A concepção deste artigo partiu do princípio de que o trabalho com o ensino de literatura deve estar voltado para um leitor autônomo capaz de interagir com a realidade em que vive, pois numa sociedade dinâmica, que se altera na mesma velocidade com que informações são disseminadas pelos meios eletrônicos, é essencial o papel que o texto literário desempenha na formação do homem, já que a linguagem permeia todas as faces da vida deste.

Assim, a título de fechamento da escrita e não do assunto, o qual se apresenta aberto a futuras discussões, fazem-se algumas considerações. Uma delas é o fato de que, no decorrer da evolução literária, a sociedade contemporânea, em meio às mudanças sociais e tecnológicas, vem sendo marcada por uma complexidade da vida moderna, que impele aos leitores novos gêneros textuais, linguagens verbais e não verbais. Houve assim uma ascensão e consolidação da cibercultura, responsável por disponibilizar, em novas esferas virtuais de entretenimento, convivência e aprendizagem, processos dinâmicos de interatividade e práticas colaborativas, as quais se propagam pelas virtualidades da internet, que se fazem presentes nos multiletramentos.

Trata-se de exercícios tais exercícios que transformam e direcionam a leitura e a escrita a inéditos caminhos no intuito de produção e fruição do conhecimento inerente a uma forma multimodal de redigir, que supera, paulatinamente, os limites da página impressa e

promove um leque de atividades digitais, contemplando aspectos como visualidade, materialidade e hipertextualidade.

Ademais, as relações semânticas existentes em um poema digital indicam novas posturas frente ao ato da leitura do texto, o que se resume em novas práticas de multiletramentos, pois no decorrer das reflexões deste artigo, observou-se que os gêneros digitais, inseridos na cibercultura, fazem uso de ferramentas específicas do ciberespaço como a convergência de mídias, a fragmentação do texto, as múltiplas linguagens e a interatividade para a produção de textos.

Desta feita, no âmbito da criação poética virtual, produções experimentais como as Antero de Alda abrem espaço à interatividade por meio da hipermídia, reforçando inúmeras possibilidades de composição estética e literária como a instauração de novos significados por meio de novas leituras, como observado no *scriptpoema Em Viagem*, em que se expande o campo semântico do texto original. Assim, há a possibilidade de novas reflexões sobre a arte literária e sua configuração atual. O ato de ler e de escrever, em suas materialidades diversificadas, impõem revisitações na fruição literária, numa época cada vez mais fluida, interligada à *web*, a qual disponibiliza uma gama fértil de oportunidades e diversas textualidades em seu contexto

Portanto, a poesia digital surge e-gênero constituído a partir de recursos estéticos, linguísticos e técnicos. Estes, por sua vez, fazem referência às habilidades necessárias à manipulação de tecnologias eletrônicas ou das mídias digitais por parte do autor e do leitor, para a sua criação ou fruição. Tem-se um texto que no mesmo coexistem diversas mídias como imagem, texto, animações e áudio, as quais colaboram para um poema que permite interatividade por parte do leitor. Ademais, busca-se contemplar a questão dos multiletramentos, da multimodalidade, da hipermídia presentes em textos como os do poeta Antero de Alda.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, P. **A renovação do experimentalismo literário na literatura gerada por computador**”. 1998. Disponível em:<
<http://www6.univali.br/seer/index.php/rc/article/view/863/715>>. Acesso em: 20 ago. 2014.

_____. **CIBERLITERATURA: O Computador como Máquina Semiótica**, 2003.
Disponível em: < http://www.ciberscopio.net/artigos/tema2/clit_06.pdf> Acesso em: 20 ago. 2013.

BARTHES, R. A morte do autor. In: _____. **O Rumor da língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

CANCLINI, N. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. 6. ed. São Paulo: Edusp, 2013.

COPE, B.I; KALANTZIS, M. **Language education and multiliteracies**. 2008. Disponível em: <http://newlearningonline.com/_uploads/springerhandbook.pdf> Acesso em: 05 jul. 2015.

FERREIRA, A. P. **Espaço e poesia na comunicação em meio digital**. São Paulo, 2010. 361f. Tese (Doutorado em comunicação e semiótica) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo.

FURTADO, J. A. **O Papel e o Pixel**: do impresso ao digital – continuidades e transformações. São Paulo: Escritório do Livro, 2006.

HIGGINS, D. **Sinestesia e Intersenses**: Intermídia, 1984. Disponível em:<<http://translate.google.com.br/translate?hl=pt-BR&sl=en&u=http://www.artesonoro.net/artesonoroglobal/intermedia.html&prev=search>> Acesso em: 08 jul. 2015

PELLANDA, E. Convergência de mídias potencializada pela mobilidade e novo processo de pensamento. **Anais da INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**: XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – BH/MG – 2 a 6 Set 2003. Disponível em:<<http://www.portcom.intercom.org.br/navegacaoDetalhe.php?id=42258>> Acesso em: 06 jun. 2014.

PRENSKY, M. **Digital Natives, Digital Immigrants**. MCB University Press, 2001. Disponível em: <<http://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20%20Digital%20>> Acesso em: 26 set. 2014.

ROJO, R. **Escol@ conectada**: Os multiletramentos e as TICs. São Paulo: Parábola, 2013.

SANTAELLA, L. **Linguagens Líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

_____. **Culturas e artes do pós-humano** – da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2004.

SOARES, M. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**, n. 25, Abril 2004, p. 5-17. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a01.pdf>>. Acesso em: 19 jan. 2015.